

CLASSE C CRESCE, D E E ENCOLHEM

Estudo da Cetelem/BNP Paribas diz que participação da classe C na economia do País alcançou 49%, enquanto as classes D e E recuaram para 35%

SÃO PAULO – Mesmo em um ano marcado pela crise financeira global, a classe C conseguiu ampliar sua participação para 49% da população brasileira em 2009, ante 45% no ano anterior, chegando a 92,85 milhões de pessoas no País. As classes A/B cresceram de 15% para 16% do total, enquanto as D/E encolheram (de 40% para 35%), de acordo com a pesquisa da Cetelem, financeira do grupo francês BNP Paribas, em conjunto com a Ipsos.

Segundo o Observador Brasil 2010, a expansão da classe C chegou a 15 pontos percentuais desde 2005, início da pesquisa, quando essa fatia da população representava 34% do total. Naquele ano, as classes A/B respondiam por 15% e as D/E, por 51%.

Nos últimos cinco anos, esse estrato intermediário ganhou 30,15 milhões de consumidores, sendo 8,23 milhões entre 2008 e 2009. Já os segmentos D/E perderam 26,05 milhões desde 2005, dos quais 8,94 milhões no último ano. Nos próximos anos, a classe C deve ter um crescimento menor, mas continuar em expansão, segundo avalia Marcos Etchegoyen, diretor-geral da Cetelem no Brasil.

As classes sociais utilizadas no estudo são as definidas pelo Critério de Classificação Econômica Brasil, fornecido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep).

O conceito não considera a renda e leva em conta itens como posse de eletrodomésticos (televisão, rádio, aspirador de pó, máquina de lavar, DVD, geladeira, freezer), de carro de passeio, quantidade de banheiros na casa e grau de escolari-

» CONSUMO

Veja a distribuição da população por classes de consumo

Classes	Ano	Percentual	Nº de consumidores
A/B	2005	15%	26.421.172
	2006	18%	32.809.554
	2007	15%	28.078.466
	2008	15%	29.377.015
	2009	16%	30.217.541

Classe	Ano	Percentual	Nº de consumidores
C	2005	34%	62.702.248
	2006	36%	66.716.976
	2007	46%	86.207.480
	2008	45%	84.621.066
	2009	49%	92.850.384

Classes	Ano	Percentual	Nº de consumidores
D/E	2005	51%	92.936.688
	2006	46%	84.862.090
	2007	39%	72.941.846
	2008	40%	75.822.249
	2009	35%	66.884.870

Renda familiar mensal, em R\$



Intenção de compra da classe c no próximo ano

Móveis	38%
Eletrodomésticos	37%
Lazer/viagem	32%
Celular	23%
Computador para a casa	22%
Carro	21%
TV, hi-fi e vídeo	17%

Fonte: Pesquisa Cetelem-Ipsos

dade do chefe da família. "Por isso, a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) concedida pelo governo para móveis e veículos foi uma das razões para a mobilidade social (por possibilitar a mais pessoas o acesso a esses bens duráveis)", diz Elisa Bernd, gerente de pesquisa da Ipsos.

Entre 2008 e 2009, a renda familiar média mensal caiu nas classes A/B, de R\$ 2.586 para R\$ 2.533, mas subiu na C (de R\$ 1.201 para R\$ 1.276) e nas D/E (de R\$ 650 para R\$ 733). "A crise afetou mais o topo da pirâmide", conclui Etche-

goyen. Na média, a renda bateu recorde, de R\$ 1.285.

Na análise por região, o Nordeste e o Sudeste tiveram aumento na renda familiar mensal semelhante entre 2008 e 2009, de R\$ 178 e R\$ 179, respectivamente, embora a diferença entre ambos ainda esteja grande: R\$ 884 e 1.496.

Sobre os investimentos, a pesquisa constatou que a classe C foi a única que direcionou mais dinheiro para aplicações em 2009 do que em 2008, passando de R\$ 209 para R\$ 633. "O consumidor (desse estrato da população) ficou mais pru-

dente, mais maduro", avalia Marc Campi, diretor da Cetelem na América Latina.

A pretensão de compra se manteve estável para a maioria dos itens pesquisados, com destaque para a de carros, que foi de 14% para 17% das intenções, e gastos com lazer e viagem (de 26% para 28%). Nas classes A/B, a pretensão de compra de um veículo, que havia sido de 9% em 2008, saltou para 30%.

O levantamento se baseou em 1.500 entrevistas, feitas em dezembro em 70 cidades de nove regiões metropolitanas.

Ascensão social deve continuar até 2014

O País deve ter pelo menos mais cinco anos de ascensão social, com a entrada de 9,4 milhões de brasileiros nas classes A/B até 2014 e outros 26,6 milhões na C, segundo a análise do economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas), Marcelo Neri. O pesquisador também acompanha a mobilidade social, mas o conceito de classes que ele usa é diferente do que foi utilizado pela financeira Cetelem, por considerar também a renda mensal familiar.

"Ainda assim, ambos os estudos apontam na mesma direção. O aumento da escolaridade da população nos permite ser mais otimistas em relação ao futuro do País", diz Neri.

Ele explica que o aquecimento do mercado de trabalho – o que inclui a expansão de vagas com carteira assinada – e a educação podem ser vistos como um trampolim, amparado pela rede de proteção proporcionada pelos programas sociais aliados aos fundamentos macroeconômicos do País (como o controle da inflação e uma situação fiscal equilibrada).

"A volta do crescimento econômico e a geração de emprego possibilitou a redução da desigualdade social", ressalta. "Primeiro o bolo cresceu, depois melhorou a distribuição", completa.

Apesar da quase estabilidade (-0,2%) do PIB em 2009, houve a criação de 995 mil empregos formais. Considerando só os dados do último trimestre, a economia cresceu 2% em relação aos três meses anteriores.

Na comparação com outros 13 países, nos quais a Cetelem aplica o estudo, numa escala de zero a 10, o Brasil foi o mais bem avaliado, com nota 6,24. "Essa é a melhor avaliação do Brasil desde 2005, ano em que a pesquisa começou a ser realizada no País", acrescentou o levantamento.

POUPANÇA

Conforme a pesquisa, no ano passado o brasileiro poupou mais, sendo que os recursos destinados a aplicações, poupança e investimentos alcançaram R\$ 535,31 por pessoa, o que equivale a R\$ 220 a mais que em 2008. Sobre as intenções para os próximos doze meses, 76% dos entrevistados afirmaram que pretendem aumentar as economias.

O levantamento constatou também que os brasileiros tiveram uma sobra média de R\$ 138,16 na renda mensal ao longo de 2009, valor superior ao observado em 2008, de R\$ 108,25. "Quando comparado ao montante de 2005, de R\$ 67,30, essa quantia praticamente dobrou", destacou o estudo.